



Pedro Lima 1917

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

II SÉRIE - N.º 734 - 15 DE MARÇO DE 1920

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPES
NUMERO AVULSO, 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre 2\$60 ctv.
Semestre 5\$00 "
Ano 10\$00 "

Redacção, administração e oficinas: Rua do Securo, 43 — LISBOA



*Tem manchas na pele?
Tem espinhas, cravos, panos, sardas?
Quer ficar com o rosto limpo e belo?*

Use o **"LEITE ANTEFELICO MARIA"**

que rapidamente lhe restituirá uma pele nova, aveludada e rejuvenescida.

A venda na PERFUMARIA DA MODA, 5, Rua do Carmo, 7, o mais artistico estabelecimento de Lisboa, e nas farmacias, drograrias e principais casas da especialidade em todo o paiz, ilhas e Africa.

Os pedidos para revenda devem ser dirigidos a AYRES DE CARVALHO, Rua Ivens, 31, Lisboa, sede do escritorio e fabrica.

CREME AGUA E PÓ D'ARROZ DA RAINHA DA HUNGRIA

Productos maravilhosos para a toilette diaria. As senhoras que tiverem a felicidade de usar estas especialidades teem uma pele ideal.

RESPOSTA MEDIANTE ESTAMPILHA

Depilatorio IDEAL

O unico que tira os pêlos para sempre

RESPOSTA MEDIANTE ESTAMPILHA

RODAL

De efeitos garantidos contra a caspa e a calvice

RESPOSTA MEDIANTE ESTAMPILHA

Academia Scientifica de Beleza

AVENIDA, 23 TELEFONE 3641 C.

DEPOSITOS: — LISBOA, Salão Mimoso, Rua Augusta, 28.
PORTO, Bazar Soares, Rua 31 Janeiro, 234

M.^{ME} VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece do passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 15 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.ª, Esq. (Gloria da rua d'Alegria, predio esquina).

Reconstituinte
Alimento Phosphatado

BANANINE MIALHE

Creanças, Convalescentes,
Tratamento das enterites

8, Rue Favart, Paris

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 734

Lisboa, 15 de Março de 1920

20 Centavos

CRONICA

O «DESERTAS»

NAUFRAGOU ha tempos perto de Aveiro o vapor português «Desertas», em circumstancias conhecidas, e multiplicaram-se as tentativas para o salvar, até que se recorreu, como ultima esperanza, a peritos estrangeiros, ingleses, ao que parece, declarando estes, peremptoriamente, que o salvamento era impossivel e aconselhando a destruição do vapor, para não dificultar a navegação. Dada a sentença, appareceu, então um engenheiro português, que foi de opinião diversa e que não se limitou a da-la, mas immediatamente pôs em pratica o seu projecto, tão inteligentemente elaborado que o «Desertas» foi já

posto a nado e d'aqui a pouco está como novo. Esse engenheiro é o sr. Antonio Mendes Barata, nome que convém registar na memoria, onde nos apressamos a fixar outros que muito menos do que este merecem admiração e reconhecimento.



LIBERDADE

Ancia pela conquista da liberdade produz milagres, como se sabe e como se lê todos os dias nos jornais, que noticiam constantemente a fuga de individuos das prisões do Estado, como se sentinelas as não vigiassem ou fossem apenas decorativas. Fogem os presos e não voltam, o que também não deve causar admiração a ninguém, por muitos motivos, entre eles porque as casas de reclusão no nosso paiz deixam muito a desejar quanto a conforto e até quanto á hygiene mais elementar. Se outras fossem as condições d'esses estabelecimentos, as fugas seriam tão frequentes? Supomos que não e igual conjectura fará quem lêr estas linhas, depois de lhe contarmos um facto absolutamente verídico que, não ha muitos anos, se passou n'uma villa da Extremadura.

Ali, uma dependencia do vetusto e arruinado castelo, afastado do centro da povoação, tinha sido aproveitada para cadeia, pela sumaria adição d'algumas grades de ferro e d'um portão de relativa solidez. Pessima instalação, porém, era essa, humida, desabrigada, doentia—e certo dia os encarcerados nomearam uma comissão, para se avistar com o delegado do Ministério Publico e pedir as devidas providencias. Assim se fez; tres ou quatro presos saíram da cadeia, dirigiram-se a casa da referida autoridade, expuzeram as suas queixas e, depois de lhes ser prometido que seriam mudados para instalação



mais comoda, voltaram honesta e placidamente para os calabouços, á espera do cumprimento da promessa, que, na verdade, se realisou.

E' um exemplo a apontar, aos que descreem da regeneração pela suavidade.

OFICIOS

JÁ foi desmentida a noticia, que ha dias correu, de que no Instituto Superior Technico ia criar-se um curso de sapataria. Não passou de boato, infelizmente infundado—e dizemos infelizmente porque haveria tudo a ganhar com a antecipação d'uma providencia que mais dia menos dia hão de ser obrigados a tomar os dirigentes das coisas publicas.

Escandalisa esta profecia? Negar a sua realisação é desconhecer completamente as leis do equilibrio, a que obedece toda a natureza; atravessamos um momento de instabilidade, sem duvida, mas os elementos contrarios hão de contrabalançar-se fatalmente, continuando a haver o mesmo numero de operarios intellectuais e manuais: e se,



como narra um correspondente de França para o «Seculo», nas escolas superiores d'alguns paizes estrangeiros os filhos dos artifices é que frequentam as cadeiras scientificas, ha alguma duvida de que em breve serão os filhos dos burguezes que hão de lançar mão dos officios?

Quantos doutores, na hora presente, não terão amaldiçoado os pais por estes os não terem mandado ensinar a deitar meias solas!

LIVROS

O sr. Eduardo d'Almeida, autor d'algumas obras que não conheciamos e que veem registadas na que temos á vista, dá-nos uma série de novelas, «Almas do purgatorio», em que o estilo sobreleva o assunto, condição de agrado para muitos que apreciam mais aquele do que este; o sr. Rolando de Viveiros apresenta-nos o episodio dramatico, n'um acto, «Noite de tempestade» que escreveu para a companhia de Adelina Abranches e que por ella foi representada no teatro Micaelense, se-
guramente com aplauso. Agradecemos a amabilidade da oferta.



Acacio de Paiva.

(Ilustrações de Rocha Vieira)

O CASTELO DE

VILADO CONDE



Frente ao mar. Bastião de nordeste onde são as prisões.

A 25 kilometros ao norte do Porto, encontra-se outra das velhas fortificações com que os nossos avoengos prudentemente defenderam as entradas marítimas do país: é o castelo de Vila do Conde, ainda hoje galhardamente assentado mesmo na foz do Ave, bem conservado e aprumado nos seus grossos muros de negra alvenaria.

Vila do Conde é povoação antiquíssima, julgando-se que o seu nome lhe provém de uma doação feita, desta vila, por D. Henrique «ao conde» D. Men-

do Pais Rufinho, que desde então se chamou Vila do Conde.

O castelo de Vila do Conde é, porém, muito mais moderno; obedece ao tipo do castelo do



O terraplano da muralha e do bastião nordeste.



Bastões de oeste e cortina de ligação. Os revelins desta construção diferem muito dos usados em fortificações da mesma época.

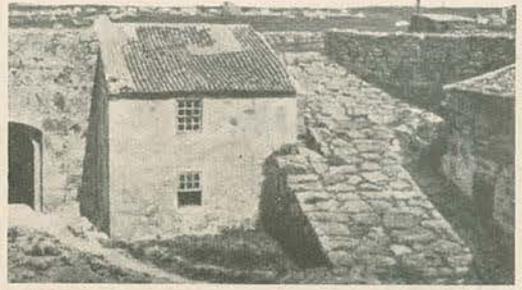
Queijo e de Leça a que a «Ilustração» já se referiu e a sua acção militar é também de reduzido valor.

A velha fortificação foi mandada construir pelo infante D. Duarte, neto de D. Manuel I, e do IV duque de Bragança, D. Jayme I e filho do III duque de Guimarães, D. Duarte, casado com D. Isabel, filha de D. Jayme e de D. Leonor que se diz ter sido a princesa prisioneira no castelo de Bragança, onde ainda se conserva a torre que a encerrou e que é conhecida pelo nome de «Torre da Princesa».

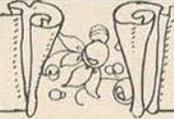
O fim da construção n'aquella época, só podia ser o de acudir aos navios que, carregados com as riquezas



O bastião nordeste.



A porta de entrada e a rampa de acesso ás muralhas.



da Índia e do Brazil, demandavam a barra do Ave, perseguidos pelos piratas argelinos, holandeses e outros, que nas suas frotas faziam por veses grossos estragos.

O traçado do castelo foi feito por um arquiteto italiano, Filipe Terzo, ao serviço de Portugal, mas as obras não se concluíram, mandando-as continuar em 1624 o VII duque de Bragança, D. Theodosio II, a quem o senhorio da vila pertencia, pelo casamento do VI duque de Bragança, D. João I, com D. Catarina, neta de D. Manuel I e filha do Infante D. Duarte a quem seu irmão o rei D. João III a doára. As obras da fortaleza, evidentemente já sobre um plano diferente do primitivo, só se concluíram durante as campanhas da restauração, não chegando o forte a ter nelas qualquer acção militar.

Vê-se, porém, do proprio plano a que obedeceu a construção de todos os que marginam a costa norte do país, que em todos houve em vista principalmente os recursos da defesa, dada a distancia a que se encontram do principal centro de socorros, o Porto.

Assim, vemos que, os castelos do Queijo e de Leça, são pequenos, comportando uma diminuta guarnição, que facilmente poderia ser socorrida pelas forças do Porto, o de Vila do Conde, a 25 kilometros de distancia, é já muito mais amplo, com quartéis para numerosa guarnição, prisões, paiois, etc., o que lhe permitia prolongar a resistencia até á chegada de reforços; o mesmo succedendo com o da Povoa de Varzim, cinco kilometros ao norte do de Vila do Conde e mais vasto ainda do que o d'esta vila.

O de Viana do Castelo, então, a 85 kilometros do Porto, é fortissimo, comportando uma guarnição de muitas centenas de soldados, dispondo de formidaveis elementos de defesa, que lhe permitiriam uma longa resistencia até á chegada

de socorros distantes. Mas de pouco serviu todo este bem elaborado plano de defesa, porque das poucas vezes que os fortes do norte podiam ter concorrido para elevar mais o aureolado nome português, a pusilanimidade de governante, a covardia de governantes e chefes, a indecisão de muitos, a indiferença dos restantes, apagou por completo esse resto de brio nacional, que deu logar á vergonhosa epocha que vai desde 1800 a 1832.

Nos primeiros dias de dezembro de 1807 as tropas espanholas do general Taranco occupavam todo o Minho até ao Porto, guarneciam os fortes do litoral sem resistencia e desarmavam as suas guarnições que iriam fazer parte da famosa Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão.

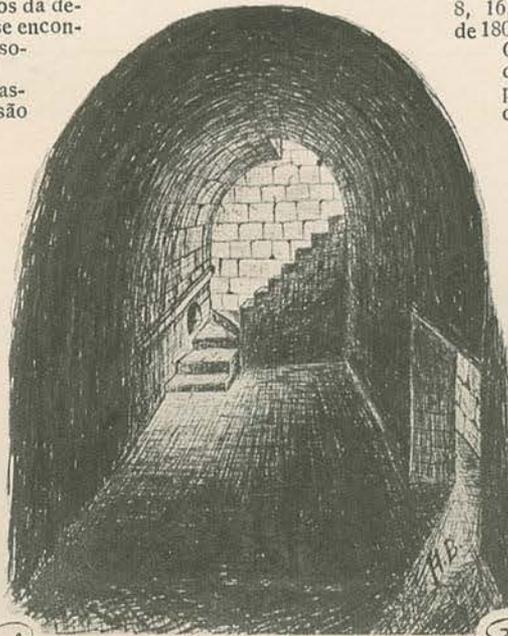
As tropas espanholas saíram á medida que os franceses faziam a occupação do norte, que durou até aos movimentos insurreccionais de 6, 8, 16, 17 e dias seguintes de Junho de 1808 no Minho e Tras-os-Montes.

Quando Soutl invadiu o norte do paiz pela Galiza, uma das poucas forças que guarneciam o Minho era o regimento de milicias de Vila do Conde que occupava o castelo.

A 27 de março de 1809 Soutl toma o Porto, cujo miseravel estado de defesa lhe não permitiu succumbir com honra, tratando logo de occupar o Minho, para o que o general Lorges estabeleceu o seu quartel em Vila do Conde, occupando o castelo desta vila e o da Póvoa.

O castelo esteve pois occupado pelas tropas francesas até maio, em que Soutl executou a sua famosa retirada atravez dos maccissos do Marão e Cerez, quasi nas barbas de Beresford e Wellesley que não lh'a puderam cortar.

Chegamos a 1830. O castelo de Vila do Conde foi ainda testemunha quasi passiva na luta fratricida que por então ensanguentou todo

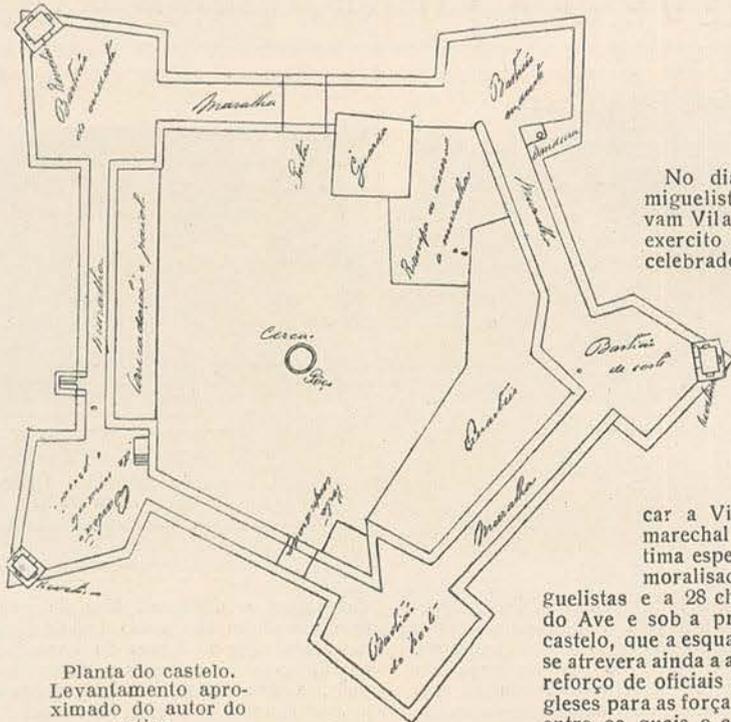


Galeria coberta de comunicação para as muralhas, em combate, e para as prisões.

o país. A 7 de julho de 1832 pairava em frente da foz do Ave a esquadra liberal. Vila do Conde e o castelo estavam ocupados pelas forças do brigadeiro José Cardoso.

A 8 desembarcou, junto do castelo de Vila do Conde, o major de engenheiros Bernardo de Sá Nogueira, portador de uma proclamação de D. Pedro, onde o povo e o exercito eram convidados a aderir á causa da liberdade.

O general miguelista recebeu hostilmente o futuro marquês de Sá da Bandeira, a quem pretendeu aprisionar, despedindo-o por fim sem lhe receber os documentos de que era portador.



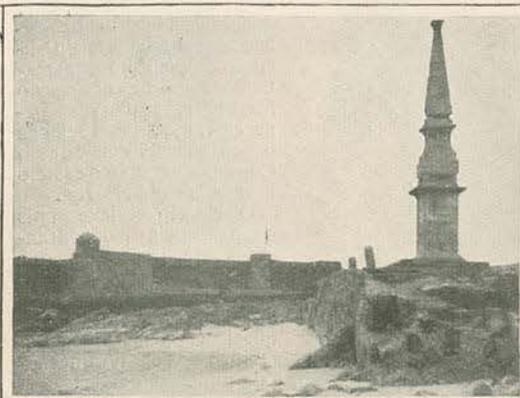
Planta do castelo. Levantamento aproximado do autor do artigo.

No dia 9 as forças miguelistas abandonavam Vila do Conde e o exercito libertado — os celebrados 7.500 br-

vavos do Mindêlo, entravam no Porto. A 10 de julho do ano seguinte veio desembar-

car a Vila do Conde o marechal Bourmont, ultima esperança das desmoralizadas forças miguelistas e a 28 chegava pela foz do Ave e sob a proteção do seu castelo, que a esquadra liberal não se atrevera ainda a atacar, mais um reforço de oficiais franceses e ingleses para as forças de D. Miguel, entre os quais o capitão de fragata Eliot, o general d'Almer, o general Grival, os coroneis Breviel e

Luiz Bourmont, etc. Pouco depois, o levantamento do cerco do Porto determinou o abandono de Vila do Conde que as tropas constitucionais ocuparam. Finda por aqui a historia do Castelo, que, sonhando talvez com o ribombar da artilharia que mal conheceu, envelhece emfim no triste abandono das coisas inuteis, a que só a memoria e a fantasia podem aviventar.



O castelo e obelisco que comemora o desembarque de Bernardo de Sá Nogueira em 1832.



Vila do Conde. Os estaleiros e mosteiro de Santa Clara na foz do Ave, cuja entrada o castelo defendia.

A GREVE DOS FUNCIONARIOS PUBLICOS

Apoz uma reunião magna no Liceu de Camões delibrou o funcionalismo publico pôr-se em greve para ver se assim o governo e o parlamento atendiam as suas justas reclamações de aumento de vencimentos já que as de equiparação deviam por agora ser postas de parte. Assim fez e assim as repartições publicas estiveram abandonadas tendo o governo tomado de precaução no sentido de evitar que a ordem publica fosse alterada. Nucleos de guarda republicana patrulharam o Terreiro do



tambem para justificar essas belicas providencias o ter-se declarado em greve o pessoal da electricidade, o que fez com que durante umas horas da madrugada a cidade estivesse ás escuras. Isso fez temer que os amigos do alheio e os perturbadores aproveitassem a occasião e sempre melhor foi prevenir do que remediar. Com a subida ao ministerio do gabinete Antonio Maria Batista deve a situação modificar-se de forma a tudo terminar em bem. E é que a occasião não é de molde a fazer e desfazer ministerios, nem é

1. A reunião do funcionalismo no Liceu de Camões, antes da greve. — 2. A guarda republicana á porta do Quartel do Carmo.



Camions com metralhadoras e guarda republicana. — (Clichés Serra Ribeiro).

Paço, onde são os ministerios, enquanto «camions» com metralhadoras percorriam as ruas. Concorreu

impunemente que a gente tem vivido em intima e familiar discordia.

OS QUE MORRERAM

O ex-infante D. Afonso — O Morgado de Covas e o general Castel-Branco — A trasladação de um jornalista.



O Morgado de Covas

Foi torta a semana que lá vai. Morreu em Nápoles o ex-infante D. Afonso, que era querido e estimado pelo seu feitio bonhomico e sim-



O ex-infante D. Afonso e sua esposa em Nápoles.

ples. Tinha 55 anos. Morreu em Sacavem o conhecido cavaleiro tauromaquico Morgado de Covas (Francisco Barreira) e o general Castel-Branco precipitou-se do Arco da Rua Augusta, tendo morte quasi instantanea. Era um engenheiro notavel e foi uma neurastenia que o levou ao suicidio. Tambem se realizou no cemiterio ocidental a inauguração de um monu-



O general José Emilio Sant'Ana da Cunha Castel-Branco.

mento á memoria do jornalista Gregorio Fernandes.



1. O monumento com um medalhão-retrato á memoria do jornalista Gregorio Fernandes, monumento singelo que tem varias inscrições e deante do qual discursaram varios oradores. — A cerimonia da trasladação no cemiterio dos Prazeres. — 2. A condução do feretro. — 3. O dr. Magalhães Lima discursando.

(Clichés Serra Ribeiro).

TERRA DE PORTUGAL
AZAMBUJA



Desafio á morte.
Azambuja vista a 15
metros. («Cliché» do
tenente medico sr. dr.
Ribeiro Saraiva.



Intimidade

por João de Sebre e Lima



Que cedo, amiga, veio este ano o outono!

Do poente na luz mole, de ambar loiro,
sonha, lá fóra, o parque ao abandono.
Calou-se o mar. Murcham as rosas de oiro
na sêda azul-pavão do teu kimono.

Tomo-te as mãos. As pálpebras descidas,
sorris, deitada no «fauteuil» imenso.
Morrem na alcova, em nótulas delidas,
A luz da tarde... o aroma do teu lenço...

Beijo-as... Sorris ainda. E, longamente,
volves teus olhos calmos para mim.
Sobe até nós, pela varanda em frente,
uma cantiga de água no jardim.

E as folhas tombam... Súbito, p'ra vê-las,
ergues-te a meio... Um resto de sol arde
nas vidraças abertas das janelas.
E pões-te á escuta... já não ris... A tarde

caíu de todo. Acendem-se as estrelas.

O ESTRANGEIRO INTERESSANTE: *Os Cães* por C.E. Studdy



Ninguém faça mal á conta que lhe venha bem



Deixa para amanhã o que não possas fazer hoje



A quem se não rala, tudo corre bem



A maldade é a mãe da confusão

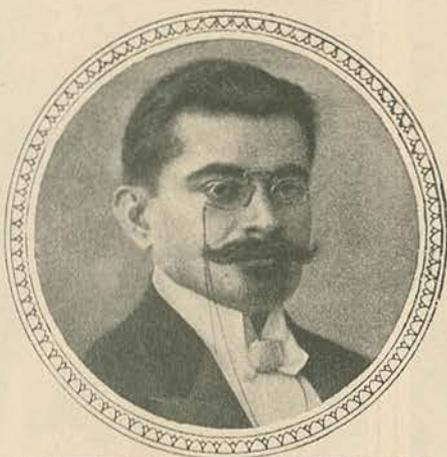
De *The Illustrated Sporting & Dramatic New*

C. E. Studdy é um dos grandes ilustradores ingleses. Já n'um dos numeros passados publicamos o cão bolchevista e hoje damos mais algumas das suas famosas composições. São maravilhas de inspiração e de pintura tão interessantes como engraçadas.

Mundo Lyzitano

Portugal no Brasil

O Dr. Augusto Meira, catedrático da Faculdade de Direito do Pará, é, além d'uma figura culminante da sciencia brazileira, um inspirado poeta e um patriota cheio de entusiasmo. Agora mesmo acaba de concluir um hino pan-lusitano para o qual escreveu a letra, tendo escrito a musica o sr. José D. Brandão. D'esse hino damos as primeiras estrofes aos nossos leitores.



Dr. Augusto Meira.

O hino «Pan-Lusitano». — O maestro Oscar da Silva e a musica portugueza.

Nobres filhos, os filhos valentes
Do alto genio, que ergueu Portugal,
Inundemos os peitos ardentes
De alta gloria, infinita, imortal!

Somos todos da raça altaneira,
Que outros mundos ao mundo encontrou
E, dispemos, do mar sobre a esteira,
Céus e terras e o mar conquistou!

Continentes, do mar a planura,
Se enlaçaram de Luso, ao clarim!
Já semeamos candor e bravura
De atras selvas, nas brenhas sem fim!

CORO—Portuguez fala a serra distante
As estrelas e os céos muita vez,
Longe, a prata, deserta, alvejante,
Ventanias, nevoeiros, parais,
A familia, a saudade estuante,
A charrua, a metralha, o convez,
Quando o mar se encapela vibrante
Voz do mar, é tambem portuguez!
etc.

O maestro portuguez Oscar da Silva tem tido no Brazil uma passagem triunfal. A critica e o publico após os seus primeiros concertos dispensaram-lhe as maiores finezas, tendo consagrado os jornaes longos artigos a musica



O maestro Oscar da Silva (3.º da esquerda para a direita). Frederico Nascimento, Artur Napoleão e Alberto Nepomuceno.

portugueza que ele tão bem representa. Oscar da Silva tenciona percorrer seguidamente a America do Sul, levando ás riquissimas ci-

dades da Argentina, do Uruguay e do Chile os prodigios do nome portuguez.

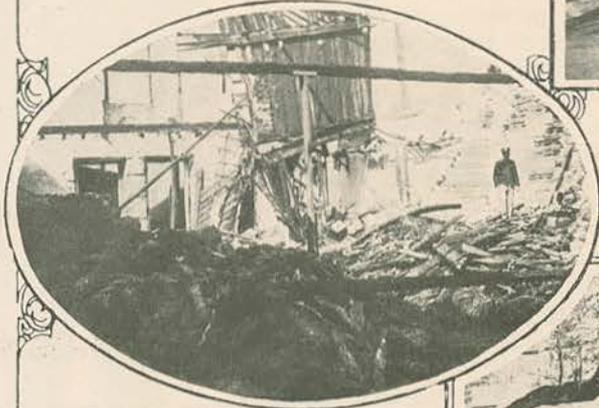
Atualidade

Um grande incendio — O 117.º aniversario do Colegio Militar.

O importante da semana foi o incendio de um deposito de drogas e outros productos em Alcantara,

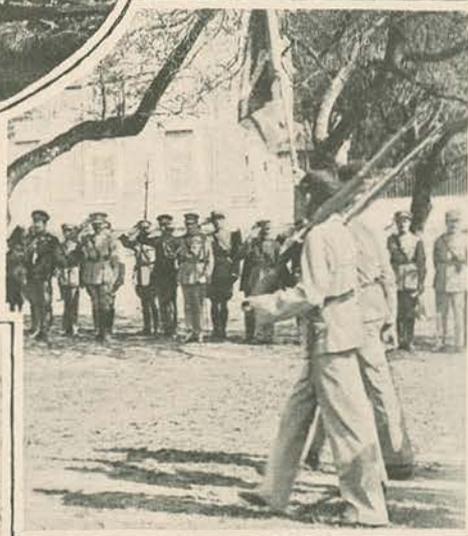


Um grande incendio. — A fachada do deposito na rua da Cosinha Economica, a Alcantara.

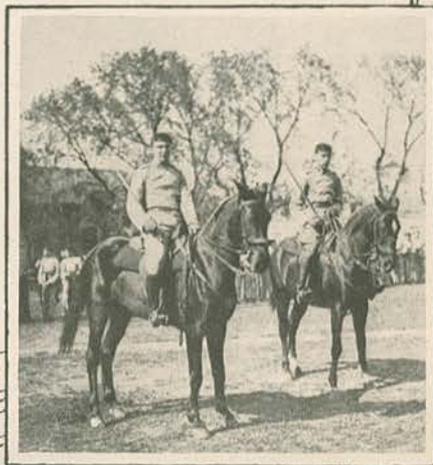


O interior do deposito incendiado.

fogo que devorou o predio, e a comemoração no Colegio Militar do seu 117.º ani-

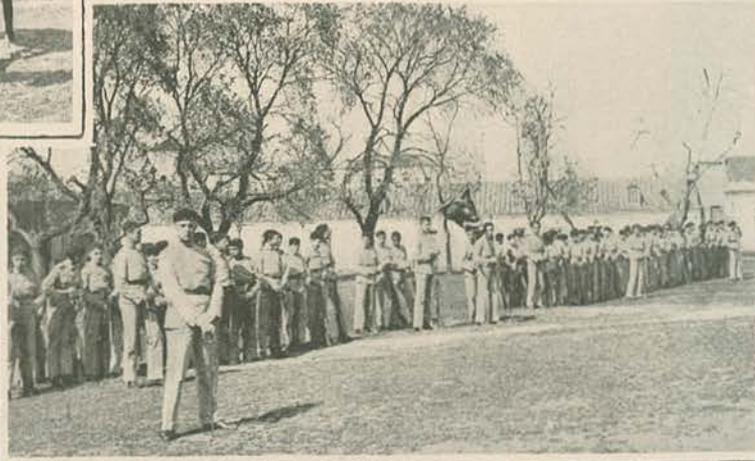


Continencia á bandeira



O comandante do batalhão e o seu ajudante.

versario. Assistiu á festa o sr. ministro da guerra, tendo-se feito a leitura de uma memoria historica e varios exercicios militares, como manejo de arma moderna, esgrima de baioneta, assalto desabre, exercicios sportivos e jogos recreativos. Foi uma interessante fes-



O batalhão formado na parada.

(«Clichés» Serra Ribero).



Vida Artística

AS EXPOSIÇÕES

Artur Loureiro,



Leal da Camara,

José Leite e

Abigail de Paiva Cruz



1. D. Abigail de Paiva Cruz. — 2. C. S. ga. por Artur Loureiro.

Foi uma semana cheia de arte a semana que passou, pois nada menos do que quatro exposições existem agora em Lisboa. Em primeiro lugar temos a do pintor português Artur Loureiro, um grande artista, um mestre, cuja arte prodigiosa sabe evocar na tela com fragrancias soberbas os admiráveis trechos que o nosso Portugal encerra. E na sua exposição que se realizou na Sociedade Nacional de Belas Artes ha de tudo a mãos plenas e com um poder de tecnica e de talento verdadeiramente assombrosos. Ha retratos, estudos de campo, estudos de figura, Natureza plena, ruas e casas, efeitos de luz, trabalho de composição. Ha de tudo e tudo bom, como só os mestres sabem fazer.

Artur Loureiro

José Leite

José Leite é de ha muito um artista consagrado e os seus trabalhos como pintor e como ilustrador são deveras estimados. A sua exposição no Salão Bobone é curiosissima, embora não tenha mais de vinte e quatro trabalhos. Discipulo de Carlos



Leal da Camara, auto-captura

Foz do Rio Souza (paisagem estilizada), por Leal da Camara.



Ribeiro da Pindela (Entre os Rios), por José Leite.



Casa de Diogo Cão (Vila Real), por Artur Loureiro.



Aspecto da Exposição Artur Loureiro na Sociedade Nacional de Belas Artes

Aspecto da exposição Leal da Camara

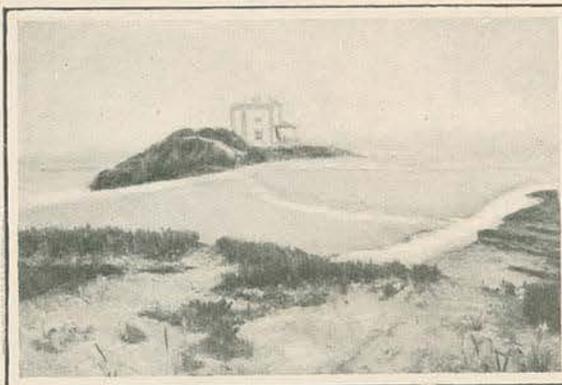
A morte do Pierrot, por Leal da Camara



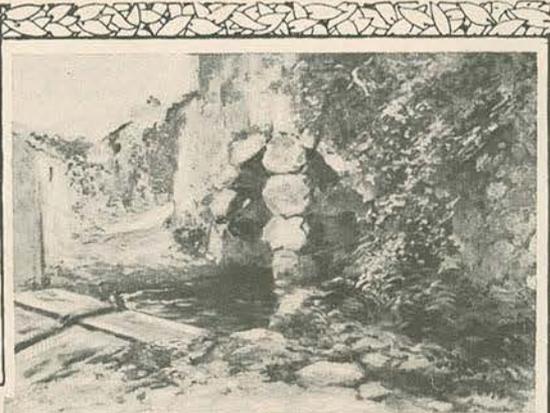
Exposição José Leite no Salão Bobone



Leal da Camara

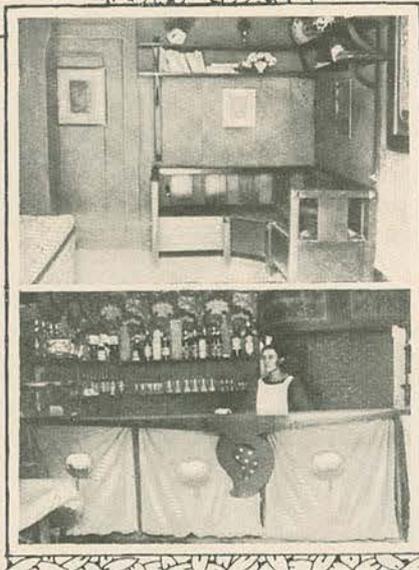


«Senhor da Pedra» (Miramar),
por Artur Loureiro



«Um moinho»,
por José Leite

Leal da Camara, o caricaturista panfletario de *A Marselheza*, *A Corja* e *L'Assiette au beurre*, fez a sua exposição nas salas da «Société Amicale Franco-Portugaise na Rua Formosa». A Sociedade, que se propõe estreitar relações entre Portugal e a França, foi decorada pelo artista que teve ensejo de mostrar os seus meritos como decorador, escolhendo para o efeito motivos portugueses a



que o seu talento só deu realce. A sua exposição é interessante, curiosa e mostra-nos o artista no seu aspecto poliformico sempre bizarro e original.

A sr.^a D. Abigail de Paiva Cruz fez a sua exposição de pinturas e rendas nas salas da Liga Naval. Exposição curiosa tem levado ali muitas pessoas da nossa primeira sociedade.



1. e 2. Uma sala e o bar da «Société Amicale Franco-Portugaise», na rua Formosa, 3. Aspecto geral da exposição Abigail de Paiva Cruz na sede da Liga Naval.—(Clichés Serra Ribeiro).

1841-1920

*Casa fundada em New-York em 1841
Estabelecida na Europa desde 1857*

R. G. DUN & Co.

Agencia Internacional para o desenvolvimento e proteccão do comercio

A mais antiga e a mais importante agencia

DE

INFORMES COMERCIAES

COM

247 SUCURSAES PROPRIAS ESTABELECIDAS POR TODO O MUNDO

EDITORES

DO

Liuro de Referencias sobre o CREDITO e o CAPITAL

Dos comerciantes e industriaes estabelecidos na America do Norte e Canada

E DA

Revista Internacional de Dun

Publicada em New-York em Portuguez, Espanhol,
Francez e Inglez para o desenvolvimento da industria e do comercio internacional

Central para PORTUGAL: 103, Rua do Comercio-LISBOA
Sucursal: 10, Rua do Almada-PORTO

M. FONT

Director geral para a Europa Occidental



A. MASCARÓ

Director para Portugal e Colonias



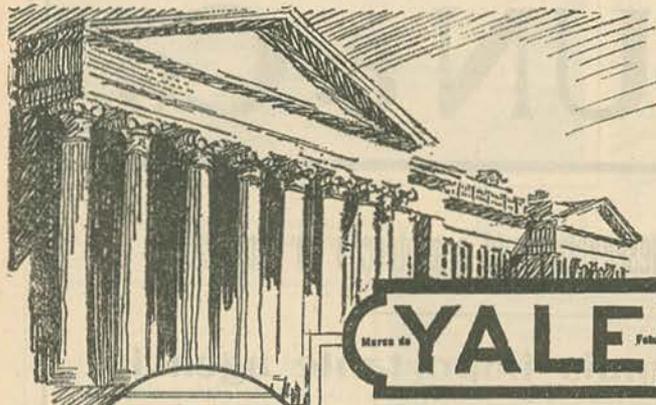
Coroas
Onde ha o mais chic
sortido e que mais ba-
rato vende, por ter
fabrica propria, e na
Camelia Branca
L^o D'ABEGOARIA, 50
(no Chiado) - Telf 3270

ANEMIA
DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA
Todos os Medicos proclamam que
• VINHO •
• XAROPE •
DESCHIEENS (PARIS)
de Hemoglobina
CURAM SEMPRE



Massagem
Gimnastica
ANTONIO Infante do American College
of Mecanotherapy. — Escrever: Rua S.
Francisco de Salles, 41, ás Amoreiras.

No. P.0000 - 6 in. d. c. - J. R. K. Co.



Marca de **YALE** Fabrica

O Guardião da Riqueza das Nações

AS abobadas das thesourarias dos Estados Unidos e de muitos dos bancos mais fortes do mundo estão asseguradas com as fechaduras Yale para banco.

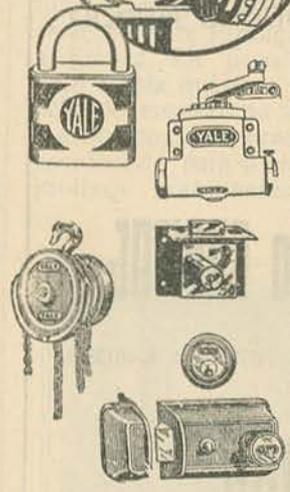
Onde as instiuições gigantes põem a sua confiança, V. Sa. pode pô-la tambem. Os productos Yale offercem a mais grande segurança, a mais grande qualidade e a maior adaptabilidade.

Ha uma fechadura Yale para cada proposito, desde as que precisam para as portas complicadas e maticas das abobadas de uma thesouraria até as fechaduras para caixas pequenas para as proteger contra os ladrões.

Ha tambem bons fechos Yale nocturnos, cadeiros Yale, asseguradores Yale par portas, ferragem Yale para constructores e cadeiras Yale de correntes—todos dignos da mais completa confiança e todos com a nossa marca de fabrica. Busque-se esta nos nossos productos.

A vossa encomenda pode ser executada por qualquer commerciante de importancia.

THE YALE & TOWNE Mfg. Co.
Estabelecida em 1868
Nova York
E. U. A.



TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS fazem-se nas Oficinas da "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA" Rua do Seculo, 43 LISBOA

Casamentos rapidos e vantajosos
170.000

pezos ouro entregam-se a cavalheiro serio, demonstrando honestidade e boas referencias, que despose senhorita, 30 anos, educada e bondosa. Evitar escandalo social. Escrever a **Matrimonial Club of New-York, Porto**. contestam-se todas as cartas, observando-se absoluta reserva. Franquear certas para resposta segura.

Menstruação
Com as menstrinas reg.¹¹
Aparece e sem inconveniente no mais curto espaço de tempo dada a sua origem tonica e reconstituinte seja qual for o caso que se empregue. Resultados garantidos.
Caixa com instruções 2\$50 e correio 2\$60. Lab. e Deposito: V. Ferrão, L. da Saude, 14. — Quintans, R. da Prata, 184. — Azevedos, Rocio, 31. — Netto Natividade, Rocio, 122 — LISBOA.

Deposito geral no PORTO: Consul-
torio Dentario J. Matos, Rua S^a
da Bandeira, 235. — Em LISBOA: E.
TONIKIM
O ALIMENTO E JUVENTUDE
DOS CABELOS
Silva, Rua Arco Bandeira, 207, 2.^o, E.
—Em BRAGA: Gomes & Matos, Aven-
ida Central. — No BRAZIL, PARA:
A. Matos, Rua Padre Prudencio, 66.

Companhia do PAPEL DO PRADO
Sociedade anónima de responsabilidade limitada
Ações..... 300,000\$00
Obrigações..... 288,630\$00
Fundos de reserva e amor-
tização 300,000\$00
Escudos..... 1.008.630\$00
SEDE EM LISBOA, Proprietaria das fa-
bricas do Prado, Marlianala e Sobrinho
(Tomar), Penedo e Casal de Herminio (Lousã)
Vale Maior (Abergarria-a-Velha). Instala-
das para uma produção annual de 6 milhões
de quilos de papel e dispoño dos maquinis-
mos mais aperfeiçoados para a sua Indus-
tria. Tem em deposito grande variedade de
papeis de escrita, de impressão e de embrul-
ho. Toma e executa prontamente encomen-
das para fabricações especiais de qualquer
quantidade de papel de maquina continua
ou redonda e de forma. Fornece papel aos
mais importantes jornais e publicações pe-
riódicas do paiz e é fornecedora exclusiva
das mais importantes companhias e em-
presas nacionaes. — Escritórios e depósitos:
LISBOA, 270, rua da Princesa, 276. PORTO,
49, rua de Passos Manuel, 51. — Endereço
telegrafico em Lisboa e Porto: — **Companhia
Prado**. — N.º telet.: Lisboa, 605. Porto, 117.

**Este homem conhece vosso
passado, presente e futuro**
O seu poder maravilhoso surprehende
todos aqueles que o consultam e que
teem beneficiado dos
seus conselhos.
Se V. Ex.^a deseja co-
nhecer a sua vida e
receber GRATUI-
TAMENTE uma
Leitura de Ensaio,
queira enviar: o seu
endereço, data de
nascimento (dia,
mez e ano) escripto
bem ligivelmente
pela propria mão de
V. Ex.^a ao **Professor POZZO, Rua
de Seine N.º 12. Paris, França.**
Os pedidos devem ser acompanhados de
20 centavos em sellos, para gastos de cor-
reio e de escriptorio, mas roga-se a finessa
de não enviar dinheiro em moeda dentro
do sobrescrito.





Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa

CRUELDADE



Com musica do «Passarinho trigueiro»:

— Papilons da roleta
Que fazem agora?
— Com as azas cortadas
Vamo-nos embora!



PALESTRA AMENA

FERAS

Transcrevemos do *Seculo*, edição da noite:

«Em Lipsebe, na Hungria, quando se estava tirando um *film* n'um circo, um dos leões, assustado pelo barulho do aparelho, fugiu e com grande pânico dos actores, saltou por cima d'um muro, dando para o jardim de um colegio, onde as crianças estavam no recreio.

«Foi grande o espanto do domador, ao ver que o leão não fez o menor mal a essa irrequieta multidão de crianças de 4 a 7 anos, que aclamavam a chegada da fera, como se fosse um alegre e divertido numero do seu recreio. Quando o domador, de revólver em punho, entrou no jardim, encontrou o pobre animal encolhido contra o muro, parecendo pedir-lhe protecção».

Se o diabo não quiz nada com as crianças, não admira que um leão nada quizesse, mas não é sob esse ponto de vista que vamos encarar o caso. Este presta-se a algumas reflexões filosóficas e como a filosofia é o nosso forte, mal pareceria deixarmos fugir ocasião tão propicia, para a expandirmos.

Pois não se tira d'aqui, imediatamente, a conclusão de que ha feras muito menos ofensivas do que homens? Dir-nos-hão que se trata d'uma fera domada—mas o homem não é um animal domesticado, mais que domesticado, educado, civilisado?

Compare-se o procedimento d'este leão ao de muitos brutos humanos, que todos conhecemos, que caissem no meio d'um grupo de crianças e por estas fossem atormentados com brincadeiras; pois não será certo que correriam a pequenada a açoites, se não lhe fizessem peor?

Vamos agora á significação que teria a attitude medrosa do leão, perante os garotos de 4 a 7 anos. O bicho não distinguíu entre miudos e gente crescida; viu apenas que os rapazinhos tinham forma humana e na rudeza do seu cérebro surgiu a recordação dos maus tratos a que um ser do mesmo feitio o tinha sujeitado. Era a maldade humana o que se lhe apresentava diante dos olhos, aquela maldade que o chicoteava sem motivo, que o feria com ferros em braza logo que ele, leão, esboçava uma patada defensiva... Que seriam capazes de lhe fazer, a que tormentos o sujeitariam aqueles animaisinhos de mãos no ar, tão bulicosos e expansivos? Tinha já ouvido dizer, o misero felino, que havia quem matasse leões unicamente para lhes aproveitar a pele, não para com ela se fabricarem objectos necessarios á vida do homem, mas tapetes para ornamentação de sobrados, golas e regalos para atavios de damas...

Ah! o susto do leão foi bem justificado!

J. Neutral.

O cornetim

O nosso *João Verdades*, que as diz como punhos, no *Seculo*, conta que em Palmela vai o bom e o bonito por via da posse d'um cornetim, disputado por duas filarmónicas da localidade e generalisa o caso, com deducções judiciosissimas, qual seja a de que Portugal em peso está absorvido em questões de cornetim, quando tantas outras de muito maior monta lhe deveriam chamar a atenção.

Alto lá! exclamamos nós. *João Ver-*



dades anda na lua. O cornetim de Palmela é, realmente, um simbolo das bagatelas nacionais, mas, ainda assim, representa qualquer coisa de importancia, emquanto que as miudezas em cuja discussão os politicos se esgotam não valem nem a ponta d'um chifre.

Não lá! pois, o cornetim aquilo que devemos ir buscar na referida controversia mas a propria Palmela. Mais por aqui, mais por ali, toda a nossa politica lá, vai dar.

Torre de chifre

A madrinha de guerra

Escrevo-te, minha madrinha,
No meio de horrores tranzes!
Ainda que de longe me lances
O teu olhar carinhoso,
Tão longe da terra minha
Onde ha perfumes de flôres
E passaros voadores
No cemiterio do Repouso!

Voltarei sim ou não
A Portugal, meu berço?
Raras vezes me convenco
De que voltarei um dia!
Terei a satisfação
De ver ainda meus irmãos
E meus pais cidadãos
Da cidade da alegria?

Minha madrinha, consola
A minha familia distante
Que tem saudade constante
Por este pobre infeliz
Cantam cantos á viola
Que eu tambem cá vou cantando
Na guitarra chorando
As saudades do meu paiz!

Hilario da Costa Gomes.

DE FÓRA

A Ondina Perdigão

Vives no sol, não te suje
A vil mundana poeira!...
Tenho de usar *taçon rouge*,
Polvilhar a cabeleira!

Pois, falar-te, só assim!
Para enaltecer-te as prendas,
Tem que levar-se espadim
E punhos de finas rendas.

Em curvatura graciosa,
N'um passo de minuete,
Ocultar a voz fanhosa,
E falar terno, em fasete.

Ter o porte reverente
Dos *abbés* em caramunhas,
E beijar-te simplesmente
O roseo espelho das unhas.

Mas escrever-te?! Isso agora!...
Quem a tanto se abalança?!
Só com tinta cõr de aurora,
Que é tambem cõr de esperança.

Se me falta engenho e arte,
A escrever-te não me atrevo;
Tambem não posso falar-te:
Não te falo nem te escrevo,

C. M.

Insignificancias

Ha grèves que se justificam, sem duvida, mas ha outras que não teem sombra de justificação; por exemplo, a da policia, que se esboçou no Porto.

Querem os senhores saber por que motivo os civicos da capital do norte se recusaram um dia d'estes a fazer serviço? Por isto, apenas: porque não lhes pagaram o ordenado!

Contavam os homens receber o que lhes era devido em dia determinado,



esperavam liquidar n'esse dia as suas contas com os mercieiros e outros fornecedores, tinham emfim, destinado o dia do pagamento para outros divertimentos semelhantes e lá porque se viram privados do pão, que o padeiro não quiz talvez fiar, porque os crédores lhes bateram á porta, porque as mulheres e os filhos os apouquentavam com pedinchas, aqueles exaltados tiveram esta idéa subersiva: não adiantar trabalho a quem não lhes pagava o anterior!

Não ha sombra de patriotismo n'este paiz!



Projectos

Apezar de repetidas solicitações que lhe fizemos, o nosso querido *Jerolmo*, conceituado emprezario do *Pauliteama* de Peras Ruivas, recusou-se teimosamente a transmitir á esposa as suas impressões acerca da opereta *Amor de apaches*, ha dias representada no teatro Avenida, em beneficio da capitosa Satanela. Mandou-nos apenas um bilhete, n'estes termos:

«Incelentissimo sr.

Nan tanho tempo para conversas porque aquella ideia cus otores du *Amor de apaxes* tiveram de metter nu 2.º ato uma senada *Revultosa* sujeriime a ideia de fazer tamem uma pessa



porque agora é que eu veijo que nan á nada mais facil que fazer pessa originais. Inté ó feturo.

Seu amigo ubrigado
Jerolmo».

Pois não se vá o homem sem resposta, porque a muita gente boa ocorreu o mesmo pensamento. Esta semana já o correio nos trouxe, para apreciarmos, tres peças qual d'elas mais original, que em breve veremos representadas. Damos o esboço d'uma d'elas para o leitor ficar fazendo uma pequena idéa do novo genero dramatico.

Amor e ciueme

1.º ATO. — Cêna 1.ª do *Mercador de Veneza*, cêna 4.ª do 2.º ato da *Rosa enfeitada*, cêna 8.ª do 1.º ato do *Hamlet*, cêna 11.ª do 3.º ato do *Otelo*, cêna 2.ª do 1.º ato do *Solar dos Barrigas*. Apoteose de Mergulhão.

2.º ATO. — Cêna 5.ª do 1.º ato da *Verbena de la Paloma*, cêna 1.ª do 3.º ato do *João Ralão*, cêna 10.ª do 2.º ato da *Aida*, cêna 4.ª do 1.º ato dos *Peraltas e secias*. Apoteose de Salvador.

5.º ATO. — Cêna 2.ª do 1.º ato do *Pé de meia*, cêna 6.ª do 3.º ato do *Comissario de policia*, cêna 5.ª do 2.º ato do *Medico á força*, cêna 12.ª do 2.º ato do *Marquês de Villemer*, cêna 5.ª do 1.º ato da *Rosa enfeitada*, cêna final do *Fausto*. Apoteose de Augusto Pina.

O autor d'este lindissimo trabalho occulta-se com o pseudonimo de Couve Lombarda.

EM FOCO

O funcionario publico



Então não me saiu assomadiço,
Terrivel, assanhado como um gato,
Esse manga d'alpaca timo ato,
Por tradição tão manso, tão submisso?

— Ah! vocês não me pagam? ele é isso?
Vocês supõem que não quebro um prato?
(Exclamou) Pois vão ver como eu os trato!
E pronto! Nunca mais fui ao serviço.

O triste resultado viu-se em breve;
O abalo em toda a parte foi profundo;
O mal que produziu não se descreve.

Imaginem agora que os secundo...
Se os sonetos suspendo e faço grêve
Não ha que duvidar! Acaba o mundo!

BELMIRO

Correspondencia

Letrado X — Letrado é que nos parece. Vá aprender a escrever.

D'af a termos a visão do borracho, ou mesmo a estarmos todos borrachos, não vai um salto de pulga.

Tristezas

... Não pagam dividas.

No dia em que, sem governo, maiores deviam ser as apreensões pelo futuro d'esta linda terra, um jornal publicava, na 1.ª pagina, a seguir a um violento artigo politico, o seguinte:

«SANTAREM—E' na praça de touros d'aquella cidade que este ano se verifica a primeira corrida da temporada, no proximo domingo, 14...»
E' inutil dizer que a leitura d'esta noticia desanuviou prontamente o espirito de quem leu o artigo que a precedia.

Lembram-se da anedota do *Espartero*?

Chegou a Madrid um estrangeiro e quando se dirigia para o hotel teve de parar porque um cortejo funebre, com milhares de pessoas a acompanhar o caixão, interrompia o transito.

— Quem morreu? perguntou o homem a um espanhol.

— Espartero.

— Ah! o ministro?

O espanhol:

— Qual! o toureiro!

Queriu ele dizer na sua que o falecimento do ministro não causaria impressão que se parecesse com a que tinha causado a morte do toureiro.

A Santarem, amadores!

Loucura mistica

Dizem do estrangeiro, em telegrama, que os habitantes de Falkenberg estão atacados de loucura mistica, que consiste em imaginarem que o Espirito Santo lhes aparece.

Como catolicos, que nos presamos de ser, não nos repugna acreditar que se trate de uma verdadeira aparição sobrenatural, mas d'outro lado, como homens de ciencia, que tambem nos presamos de ser, não estamos longe de supor que o que aparece frequentemente aos falkenbergenses seja algum borracho que, como se sabe, tem a figura do dito Espirito.

Afinal, estes casos de loucura cole-



ctiva são vulgarissimos; mesmo entre nós eles se teem dado, conforme a Historia reza: pois não estivemos durante seculos convencidos de que D. Sebastião nos appareceria n'uma manha de nevoeiro? E agora mesmo, não se nos meteu na cabeça que aumentando os salarios o preço dos generos se conserva estacionario?

Programas

O programa dos governantes, segundo declaração do seu presidente, é: «Ordem publica! Ordem publica! Ordem publica!»

O dos governados, dirigido aos governantes, dizem-nos que será: «Juizo! Juizo! Juizo!»

O ultimo exito teatral



A danação do Fausto...